

# SILVIANO SANTIAGO E A GERAÇÃO *COMPLEMENTO*

*Wander Melo Miranda\**

## RESUMO

Notas sobre aspectos gerais da revista **Complemento**, publicada em Belo Horizonte nos anos de 1956, 1957 e 1958, destacando a colaboração de Silviano Santiago.

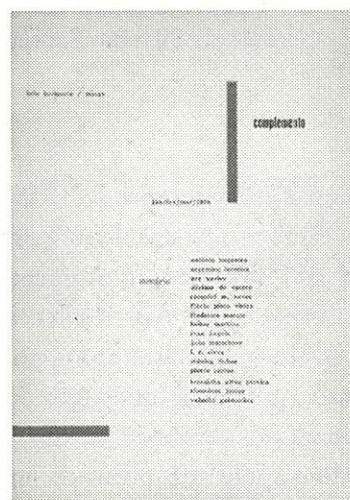
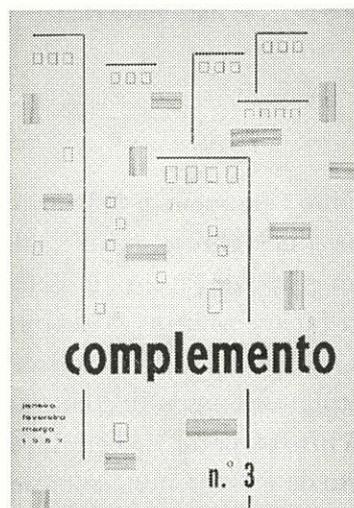
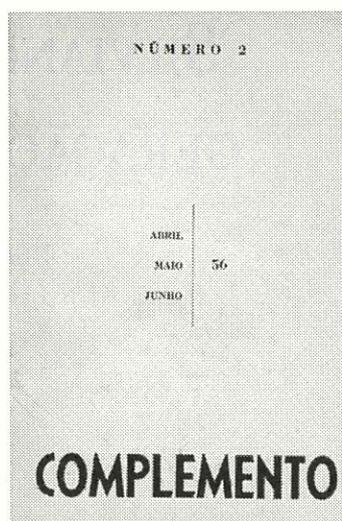
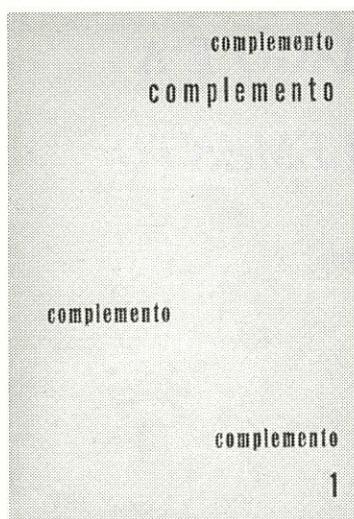
**E**m 27 de setembro de 1955, João Etienne Filho pergunta em **O Diário** “onde estão as revistas de moços? onde os grupos? onde as revoluções e a demolição?”. As perguntas encontram eco em um grupo de jovens em Belo Horizonte, formado por Ary Xavier, Ezequiel Neves, Heitor Martins, Theotônio dos Santos Júnior e Silviano Santiago. O grupo lança no início de 1956 a revista **Complemento**, que tem a indagação de Etienne como epígrafe e cujo título encontra sua razão de ser nos versos do poema “Galo galo”, de **A luta corporal**, de Ferreira Gullar. Juntando o apelo aos jovens da epígrafe com o grito do galo prenunciador de auroras, temos uma síntese do programa do grupo e da revista através da qual este busca exprimir-se.

*Grito, fruto obscuro  
e extremo dessa árvore: galo.  
Mas que, fora dele, é mero complemento de auroras.*

Foram publicados apenas quatro números da revista: dois em 1956, um em 1957 e outro em 1958. Não há, ao contrário da maioria das revistas ou movimentos artísticos da época, a explicitação de um programa sob a forma de manifesto. A explicação talvez possa vir do próprio caráter da revista, aberta, sem *parti-pris* estético ou ideológico.

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais.



À equipe de colaboradores fixos sempre se junta, como *complemento*, novos colaboradores, das mais diversas áreas. Hoje falaríamos de aspecto interdisciplinar e intersemiótico da revista, uma vez que reunia artistas plásticos (Degois, Chani-na), críticos de cinema (Maurício Gomes Leite, Flávio Pinto Vieira), de artes plásticas (Frederico Moraes), ensaístas ( Heitor Martins, Theotônio dos Santos Júnior), poetas como Ary Xavier, Valmiki Vilela Guimarães, Luiz Carlos Alves (os dois últimos posteriormente professores da UFMG), os escritores Silviano Santiago e Ivan Ângelo, o crítico de teatro João Marschner (que abre o primeiro número com um texto sobre “A decadência do herói no teatro”), o então contista e depois produtor de *rock* Ezequiel Neves. Do grupo fazem parte também o ator Carlos Kroeber, o bailarino Klauss Vianna e as bailarinas, Sigrid Hermann e Duda Machado.

A diversidade aparece simultânea à individualidade do trabalho dos colaboradores, unidos pelo ideal comum de fazer uma revista. Como lembrou Silviano Santiago, décadas depois, o lema de alguns componentes do grupo poderia ser a epígrafe de *A náusea*, de Sartre: “Trata-se de um rapaz sem importância coletiva, trata-se apenas de um indivíduo”. Isso explica o tom intimista da maioria dos textos de **Complemento**. As “revoluções” e a “demolição” requeridas por Etienne parecem adquirir aí o sentido de uma introspecção, assumida como forma individual/“tribal” de contrapor-se à sociedade belorizontina. Os textos de Silviano Santiago, por exemplo, tratam da infância e da adolescência, vistas sob a perspectiva da repressão familiar e, mais amplamente, do insulamento, como no extenso poema “A ilha”, que publica no número 4, com o pseudônimo de Antonio Nogueira.

Não há no grupo um engajamento político-partidário definido. Na apresentação que faz de Theotônio dos Santos Júnior, no número 2, de abril de 1956, Maurício Gomes Leite diz que Theotônio “até hoje não sabe se é católico, comunista, existencialista ou livre atirador”. Numa época tão marcada pelo compromisso ideológico do escritor, não deixa de ser um traço original e corajoso a referida “indecisão”, que exprime, de maneira geral, a postura dos colaboradores da revista.

A esse traço liga-se um outro, de fundamental importância para a compreensão da originalidade do grupo: é dos poucos que não se tornaram dependentes das carreiras e benesses do serviço público, como costumava (ou costuma?) acontecer em Minas e no Brasil. Ao fazer um balanço dos jovens de **Complemento**, Silviano diz:

*Fomos talvez a primeira geração de escritores mineiros a não querer freqüentar os corredores e sentar nas cadeiras burocráticas e polpudas do Palácio da Liberdade e das secretarias ao redor. Peraltas da estética, o Poder era uma brincadeira de mau-gosto. Como o estrangeiro de Albert Camus, revoltávamos contra o espírito de rebanho dos velhos comunistas que amávamos, e como esquecer da inenarrável figura de Fritz Teixeira de Salles. Entusiasmados pelo espírito *beat* e embalados pelos primeiros acordes em acetato do *rock & roll*, rebelávamos contra o puritanismo dos grupos católicos que criavam facções partidárias entre os estudantes e universitários. Se a agressividade é uma arma tosca de que se servem os tímidos e solitários, então éramos politicamente tímidos e solitários.*

O Palácio da Liberdade, no entanto, não deixa de aparecer pela voz de seus governadores Clóvis Salgado e Bias Fortes, nos discursos que são reproduzidos no final de cada número como matéria paga.

Mas é, sem dúvida, “no fantástico poder de descrição da vida interior”, para o qual Theotônio chama a atenção na análise que faz de **O Ateneu**, de Raul Pompéia, no primeiro número de **Complemento**, que se apresenta a veia demolidora do grupo. Uma demolição feita através de um tom irônico e sutil nas páginas da revista. Daí também a negativa da cidade: Belo Horizonte não é, em nenhum momento, matéria e objeto de atenção dos colaboradores da revista, ao contrário do que aconte-

cera anteriormente com a geração de Fernando Sabino, João Etienne, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino. Em conto de Ezequiel Neves, significativamente intitulado “Evasão”, lê-se: “Vinha a sensação estranha que a cidade abandonava-o”.

Abandonar ou ser abandonado pela cidade dá no mesmo. O vazio da cidade só é preenchido pelo material publicitário presente na revista e que, de certa forma, diz muito do provincianismo da cidade e da sua tosca modernização, na segunda metade da década de 50, em plena era JK. Os anúncios mais comuns são de livrarias — Amadeu, Oscar Nicolai, Itatiaia — mas há também anúncios de bancos e lojas: o número 3 de **Complemento** se abre com um anúncio de página inteira da Mesbla, uma das primeiras lojas de departamento da cidade, apresentando os fogões *Cosmopolita*, a serem vendidos “a prazo, pelo Credi-Mesbla”.

O vazio da cidade tem, é claro, o contraponto do mar, que textos diversos da revista irão eleger como uma sorte de lugar utópico, como no já citado “A ilha”, de Silviano Santiago e em “Poema”, de Valmiki Villela Guimarães, no segundo número. Ou mais ostensivamente em matéria publicitária, no mesmo número 2, sobre um loteamento na Praia de Marataízes, “uma nova Pampulha à beira do Atlântico”. A inversão não deixa de ser curiosa, uma vez que é a lagoa artificial da cidade sem mar que serve de referente ao “moderno” balneário do litoral capixaba e ao que este vai significar para os hábitos de parte dos habitantes da cidade.

Uma nova Pampulha à beira do Atlântico

E o bellissimo “Lago do Timoneiro” do maravilhoso loteamento da

**«PRAIA DE MARATAISES»**

Reserve, quanto antes, o seu lote!

Moderno e arrojado plano de urbanização! Lindo e urbanizado Lago do TIMONEIRO será oferecido aos futuros proprietários dos lotes. Acesso por todos os meios de transporte; Trem de luxo, avião e estrada de rodagem. Conjugados os esforços do Presidente da República e Governadores de Minas e Capixaba, para a rápida conclusão da B-R 31 - Belo Horizonte à Vitória em poucas horas! Minas terá finalmente sua maravilhosa praia com areias monazíticas.

INFORMAÇÕES E VENDAS:

**BALNEARIOS ATLANTICO LTDA.**

Rua Carijós, 244 (Ed. Walmap) — 8.º — salas 808-810 — Fones: —  
2-6543 e 2-3556.

É em direção ao mar, mais especificamente o Rio de Janeiro, que partem quase todos os integrantes do grupo. Em 23 de abril de 1960, Ivan Ângelo escreve no

**Diário da Tarde** texto com o título “Começam a dispersar-se os artistas da nova geração”, onde dá notícia da debandada geral. Silviano Santiago participa dessa fuga: parte para o Rio e depois para Paris com bolsa da CAPES. A sua contribuição em **Complemento** é contínua, nos quatro números. No número 1, publica “A duas vozes” – “história por Silviano Santiago”, na qual, em forma de diálogo, como se fosse uma cena de teatro ou um *sketch* cinematográfico, dois velhos, marido e mulher, digladiam-se no jogo tenso entre a degradação do presente e a memória da juventude perdida. No número 2, aparece “Irmãos” – “conto de Silviano Santiago”, em que o narrador relata sua experiência com a irmã de passagem para a adolescência, a partir de uma epígrafe de Drummond: “como foi que a infância passou e nós não vimos?”. No número 3, é a vez de “(manhã-tarde)” – “narrativa” da reclusão de uma adolescente nos limites da família e seu sentimento de exclusão existencial. No quarto e último número da revista, publica o poema “A ilha”, que assina com o pseudônimo de Antônio Nogueira e no qual realiza uma espécie de alegoria do insulamento entre montanhas.

Para situar finalmente, de forma bastante sucinta, as produções posteriores de Silviano Santiago, a partir da geração **Complemento**, vale destacar dois aspectos que parecem de importância fundamental: um deles é o interesse pela abordagem da estrutura familiar como forma específica de controle social, que textos como **Crescendo durante a guerra numa província ultramariana**, **O olhar** e **Uma história de família** irão desenvolver sob os mais diversos ângulos e em distintas linguagens. O outro é o interesse, ou mais do que isso, a opção pelo trabalho interdisciplinar, pela via do ensaio ou da ficção, como no texto de **Em liberdade**. Ambos os aspectos se sustentam por uma perspectiva de ordem cultural, em que os parâmetros estéticos e ideológicos predeterminados são abolidos a favor de uma liberdade de invenção na cena brasileira, diferencial no seu empenho de tornar cada vez amplo o leque de atuação de um e de todos.

## RÉSUMÉ

Réunissant un ensemble de notes sur quelques aspects généraux de la revue **Complément**, publié à B.H. pendant les années 1956, 1957 et 1958, ce travail y détache la collaboration de Silviano Santiago.